

A dimensão ética do conhecimento

Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix

Professor Adilson Schultz

Equipe docente da disciplina Conhecimento e saber.

1. Toda forma de conhecimento tem uma dimensão ética

A produção do conhecimento está sempre a serviço da justiça e do bem-estar das pessoas e do mundo. Seja em âmbito popular ou institucionalizado, conhecer é sempre uma prática que visa tornar a realidade pessoal, social e ambiental melhor e mais justa, com pessoas e relações mais justas. É a isso que se dá o nome de *Dimensão ética do conhecimento*.

Esse princípio geral ético de justiça e bem-estar serve para qualquer área do conhecimento; da Medicina às Engenharias, do Direito à Pedagogia, da Mecatrônica à Teologia, todos querem conhecer o mundo para melhorá-lo. Esse princípio rege tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada da *linha de produção* do conhecimento. Partimos impulsionados por esse anseio e, ao mesmo tempo, estamos constantemente correndo atrás dele.

Em algumas áreas do conhecimento esse princípio de justiça e bem-estar aparece de forma explícita. É o caso da área da Saúde: quem se forma em Medicina, por exemplo, chega inclusive a fazer juramento público de compromisso com o bem-estar físico das pessoas. Assim também com as áreas de conhecimento denominadas *Humanísticas* e *Ciências Humanas*, como Psicologia, Pedagogia, Filosofia, Teologia, Antropologia, Sociologia e outras, pois dedicam seus estudos e pesquisas à compreensão das relações e produções humanas em diferentes níveis.

Mas também as outras áreas do conhecimento têm uma dimensão ética, mesmo que isso não esteja tão explícito. Toda área do conhecimento lida com pessoas e com o mundo, por mais técnica que seja. Pensemos nas Engenharias, com o seu campo de estudo dos impactos ambientais das obras urbanas, ou do uso de determinado material poluente. Ou pensemos na Biologia, com seu campo de estudos da bioética e da manipulação genética da vida. Como seriam essas áreas de estudo se não houvesse uma preocupação ética com o conhecimento? Ética está no horizonte de todo o conhecimento.

Finalmente, a dimensão ética do conhecimento está evidente também quando tratamos do conhecimento comum, aquele da vida cotidiana, seja a educação que recebemos do pai e da mãe, seja da experiência cognitiva que acumulamos ao longo da vida em nossas relações pessoais e de trabalho. A forma como reconhecemos as pessoas, o valor que damos a elas e às suas atitudes, as classificações e nossos conceitos e preconceitos sobre a vida, são exemplos evidentes nos quais conhecimento e ética estão relacionados.

Conhecimento tem a ver até com o reconhecimento do lugar onde moramos. Sobre esse aspecto, leia atentamente o comentário da pensadora Ivone Gebara, no livro *Teologia Ecofeminista*:

"Nossa vida cotidiana está repleta de exemplos de como nosso conhecimento tem implicações éticas. Basta perceber a importância de conhecer melhor nosso bairro para atuar sobre ele. Não me refiro apenas ao espaço geográfico no qual as casas estão construídas, mas às pessoas que nele moram, suas dificuldades, forma de sobrevivência, esperanças e sonhos. Na mesma dinâmica tento captar porque são 'estas coisas' e não outras que chamam mais minha atenção, porque 'estas' e não outras habitam mais meu campo de interesses. Penso também na vegetação pobre ou rica

presente no bairro, na qualidade do ar, na cor do céu, na quantidade de estrelas visíveis à noite. Dependendo da forma de meu conhecimento, minha ação ou relação com as pessoas e as coisas se modifica. Portanto, a relação entre ética e epistemologia não está num mundo abstrato, mas enraizada no concreto de nossa existência”.

2. Para quê estudar? Quem estuda? Como estudar?

A dimensão ética do conhecimento pode ser mais bem entendida se colocada em forma de três questões:

- a. Qual o **objetivo** do conhecimento? (**Para quê** serve o conhecimento?);
- b. Quem é o **sujeito** do conhecimento? (**Quem** faz ou tem conhecimento?);
- c. Qual é a **forma** do conhecimento? (**Como** se produz conhecimento?)

A. O objetivo do conhecimento: conhecer para quê?

Pense um pouco sobre o objetivo dos seus estudos. Você estuda para quê? O que você quer ao final do curso de graduação? Porque você escolheu determinada área do conhecimento?

Certamente você tem objetivos imediatos como incrementar o salário, ampliar as ofertas de trabalho ou ter uma profissão. Mas pensando bem, você também vê objetivos a longo prazo, e que dêem um sentido mais profundo para sua vida. Um bom critério ético para seus estudos seria a resposta para a seguinte questão: **Em que medida seu conhecimento colaborará para a justiça e o bem-estar no mundo, na sua cidade ou na sua família?**

Nas palavras do pensador Otto Maduro, no livro *“Mapas para a festa”*, a busca do conhecimento tem como motivação a tentativa de compreender como funciona a realidade e o desejo de transformá-la sempre para melhor, individual e coletivamente. Ou seja, toda forma de conhecimento carrega junto consigo uma preocupação ética.

Otto compara as estruturas do conhecimento a mapas que nos levam a uma festa da vida: *“O conhecimento poderia ser compreendido como a elaboração de ‘mapas mentais’ da realidade, mapas baseados na experiência passada (tanto pessoal, como coletiva), para nos orientar no presente em direção à conquista futura da vida boa.”*

Esse desejo de melhorar a vida é tão importante que Otto chega a relacionar o conhecimento a questões biológicas: *“o conhecimento é uma capacidade que surgiu da necessidade de conservar a vida e, surgida para conservá-la, é uma forma de adaptação ao meio ambiente com o fito de resguardar a vida.”*

Para a pensadora Ivone Gebara, no livro *Teologia Ecofeminista*, a dimensão ética do conhecimento se define na questão do *Para quê* estudar: *“A questão ética no conhecimento é cada vez mais abrangente e de uma atualidade ímpar. Hoje não se pode mais falar do conhecimento ilimitado do ser humano, da pesquisa científica sem limites sem pensarmos a serviço de quem é realizada. A questão ética refere-se aos limites que nos impomos em vista do bem concreto das pessoas e do ecossistema. Refere-se também à maneira como nos relacionamos com todos os seres e conosco mesmas(os).”*

B. O sujeito do conhecimento: quem faz ou quem tem poder sobre o conhecimento?

Agora pense um pouco sobre você como sujeito do conhecimento. Em que momento da vida você está? Está estudando com alegria? Tem tempo para estudar? Tem dinheiro para pagar a faculdade? Será que pessoas ricas e pessoas pobres aprendem de forma diferenciada? Analise também os seus colegas de curso: De onde eles vêm? O que eles fazem ou pensam da vida? Há mais mulheres ou homens estudando com você? Há mais negros, pardos ou brancos estudando?

Você já deve ter ouvido falar que o patrimônio que ninguém pode tirar de nós é o conhecimento. Em parte, isso é verdade. O que aprendemos nos acompanha para o resto da vida. Ao dar-se conta de determinada realidade, passamos a ter domínio sobre ela, e isso ninguém pode nos roubar.

Mas nem sempre esse patrimônio está distribuído de forma democrática. Pense um pouco: em nossa sociedade, quem tem acesso ao conhecimento? Quem controla esse acesso? Você tem poder sobre que conhecimento? Quem é o sujeito do conhecimento no nosso país? Que tipo de conhecimento é mais valorizado?

Por isso pode-se dizer que conhecimento tem tudo a ver com *poder*. Ao dar-se conta de determinada realidade, você passa a dominá-la e ter poder sobre ela. E é aqui que se torna importante a dimensão ética: sem uma preocupação ética que acompanhe o conhecimento, esse domínio pode logo se transformar em domínio sobre as outras pessoas que não detêm esse conhecimento.

Ao relacionar *poder* e *conhecimento*, fica evidente a pertinência da dimensão ética no conhecimento. Nas palavras do pensador Juan David Nasio, “*o que está em jogo não é a transmissão daquilo que se inventa, mas antes a transmissão do poder de inventar.*” Nas palavras de Otto Maduro, no livro “*Mapas para a festa*”,

“dominar certos conhecimentos pode nos proporcionar uma determinada vantagem sobre aqueles que ‘carecem’ dos mesmos, até o ponto de transformar esse ‘saber’ em ‘poder’: inclusive em poder para nos aproveitarmos de outras pessoas e para mantê-las na ‘ignorância’ daquilo que poderia lhes servir para levarem uma vida mais verdadeiramente sua.”

C. A forma do conhecimento: como se produz conhecimento?

Finalmente, pense na forma do conhecimento. Que tipo de aula te deixa mais à vontade? Há bons livros na Biblioteca da sua escola? Seu curso tem estágio ou momentos de prática? Como são as instalações da escola? O conhecimento produzido em sala de aula está relacionado com a vida em geral? Há uma ligação entre teoria e prática? Em que medida o conhecimento leva em conta a sua experiência?

Nas diferentes formas de relacionar conhecimento e ética, está evidente a importância de considerar a *experiência de vida* como ponto de partida do conhecimento. Conhecimento tem tudo a ver com a experiência de vida de quem conhece. O modo de perceber as coisas está intimamente ligado à nossa experiência, à nossa formação, àquilo que já vivemos no passado ou experimentamos no presente.

Nas palavras da pensadora Ivone Gebara, no livro *Teologia Ecofeminista*, “*em todo ato de conhecimento há uma visão e compreensão do mundo e do ser humano que transparece na ação de conhecer e nas conseqüências do conhecimento. Conhecer é tomar uma posição mesmo espontaneamente; é afirmar-se como ser humano em relação a um mundo de valores; é tomar uma posição diante do seres vivos, dos humanos e de mim mesma.*”

Estar atento à forma como conhecemos é saber que outras pessoas, com experiências diferentes, podem ter outra idéia da realidade ou do objeto do conhecimento. É como diz o ditado popular: “*um ponto de vista é sempre a vista de um ponto*”. Isto está dito de forma clássica pelo pensador

Emanuel Kant: "O que os objetos são, em si mesmos, fora da maneira como a nossa sensibilidade os recebe, permanece totalmente desconhecido para nós. Não conhecemos coisa alguma a não ser o nosso modo de perceber tais objetos – um modo que nos é peculiar e não necessariamente compartilhado por todos os seres".

O pensador Otto Maduro, no livro "Mapas para a festa", relaciona a experiência não apenas ao conhecimento, mas também à ignorância e à incapacidade de conhecer: "Nossa vida, nossa experiência – pessoal e coletiva – influi vigorosamente sobre nosso conhecimento, sobre aquilo que conhecemos e a maneira como conhecemos. Nossa experiência tem também repercussões – e talvez isto seja mais importante ainda – naquilo que ignoramos e na maneira como nos arranjamos para não conhecer algumas coisas e para negar ou justificar esses desconhecimentos."

Para ilustrar essa relação entre experiência e conhecimento, Otto Maduro fala da capacidade dos esquimós em perceber diferentes cores no branco:

"Nas comunidades autóctones tradicionais que vivem nas regiões mais frias dos países nórdicos, chamados 'esquimós', palavra despectiva que eles rejeitam, ocorre um fenômeno sumamente interessante, tendo muita coisa a ver com nosso tema. Onde, para os habitantes das cidades ou de regiões rurais mais quentes, tudo parece ter a mesma cor – somente 'o branco' – os 'esquimós' são capazes de distinguir uma enorme variedade de matizes... e até possuem um sem-número de nomes para as cores que nós outros veríamos, no máximo, como simples e pálidos matizes do 'branco'. (...) Por terem vivido durante muitos séculos em regiões congeladas a maior parte do ano, os 'esquimós' desenvolveram a capacidade de distinguir e reconhecer muitas cores diversas onde outras pessoas, como nós, só veriam uma e a mesma cor."

Concluindo esta parte, pode-se dizer que tratar do **objetivo**, do **sujeito** e da **forma** do conhecimento é essencial para o sucesso da sua jornada de estudos. Essas três questões são como ferramentas imprescindíveis para seguir na jornada do conhecimento. Perguntar *Para quê?*, *Quem?* e *Como?* é essencial para o êxito da empreitada. São parte da "infraestrutura do saber", tão importantes quanto bibliotecas, salas de aula, laboratórios ou computadores.

Espera-se que cada estudante, nas suas relações pessoais, acadêmicas e profissionais, consiga construir a resposta para essas três perguntas ao longo da jornada de estudos. A disciplina CONHECIMENTO E SABER quer ser uma ajuda nesse sentido, pautando o conhecimento pelo princípio ético de justiça e bem estar no mundo e entre as pessoas.

Como se verá, espera-se que o conhecimento produza não apenas bons profissionais, mas também pessoas melhores.

3. O que é ética, afinal?

Agora que você já sabe da relação do conhecimento com a ética, vamos tratar de definir melhor o que quer dizer, afinal, essa palavra ÉTICA. Será que *ética* é a mesma coisa que *moral*? Posso dizer indistintamente que determinado conhecimento é *imoral* ou *anti-ético*? Para ajudar nessa empreitada, leia com atenção o texto abaixo, disponibilizado pela "Rede de Direitos Humanos e Cultura", em www.dhnet.org.br/direitos/codetica/textos/oque_e_etica.html:

O que é ética?

A origem da palavra ética vem do grego "ethos", que quer dizer o modo de ser, o caráter. Os romanos traduziram o "ethos" grego para o latim "mos" (ou no plural "mores"), que quer dizer costume, de onde vem a palavra moral. Tanto "ethos" (caráter) como "mos" (costume) indicam um tipo de comportamento propriamente humano que não é natural; o [ser humano] não nasce com ele como se fosse um instinto, mas que é "adquirido ou conquistado por hábito" (VÁZQUEZ). Portanto, ética e moral, pela própria etimologia, diz respeito a uma realidade humana que é construída histórica e socialmente a partir das relações coletivas dos seres humanos nas sociedades onde nascem e vivem.

No nosso dia-a-dia não fazemos distinção entre ética e moral; usamos as duas palavras como sinônimas. Mas os estudiosos da questão fazem uma distinção entre as duas palavras. Assim, a moral é definida como o conjunto de normas, princípios, preceitos, costumes e valores que norteiam o comportamento do indivíduo no seu grupo social. A moral é normativa. Enquanto isso, a ética é definida como a teoria, o conhecimento ou a ciência do comportamento moral, que busca explicar, compreender, justificar e criticar a moral ou as morais de uma sociedade. A ética é filosófica e científica.

"Nenhum homem é uma ilha". Esta famosa frase do filósofo inglês Thomas Morus ajuda-nos a compreender que a vida humana é convívio. Para o ser humano viver é conviver. É justamente na convivência, na vida social e comunitária, que o ser humano se descobre e se realiza enquanto um ser moral e ético. É na relação com o outro que surgem os problemas e as indagações morais: o que devo fazer? Como agir em determinada situação? Como comportar-me perante o outro? Diante da corrupção e das injustiças, o que fazer?

Portanto, constantemente no nosso cotidiano encontramos situações que nos colocam problemas morais. São problemas práticos e concretos da nossa vida em sociedade, ou seja, problemas que dizem respeito às nossas decisões, escolhas, ações e comportamentos - os quais exigem uma avaliação, um julgamento, um juízo de valor entre o que socialmente é considerado bom ou mau, justo ou injusto, certo ou errado, pela moral vigente.

O problema é que não costumamos refletir e buscar os "porquês" de nossas escolhas, dos comportamentos, dos valores. Agimos por força do hábito, dos costumes e da tradição, tendendo a naturalizar a realidade social, política, econômica e cultural. Com isto, perdemos nossa capacidade crítica diante da realidade. Em outras palavras, não costumamos fazer ética, pois não fazemos a crítica, nem buscamos compreender e explicitar a nossa realidade moral.

No Brasil, encontramos vários exemplos para o que afirmamos acima. Historicamente marcada pelas injustiças sócio-econômicas, pelo preconceito racial e sexual, pela exploração da mão-de-obra infantil, pelo "jeitinho" e a "lei de Gerson", etc., a realidade brasileira nos coloca diante de problemas éticos bastante sérios. Contudo, já estamos por demais acostumados com nossas misérias de toda ordem.

Naturalizamos a injustiça e consideramos normal conviver lado a lado as mansões e os barracos, as crianças e os mendigos nas ruas; achamos inteligente e esperto levar vantagem em tudo e tendemos a considerar como sendo otário quem procura ser honesto. Na vida pública, exemplos é o que não faltam na nossa história recente: anões do orçamento, *impeachment* de presidente por corrupção, compras de parlamentares para a reeleição, máfia do crime organizado, desvio, etc. etc.

Não sem motivos fala-se numa crise ética, já que tal realidade não pode ser reduzida tão somente ao campo político-econômico. Envolve questões de valor, de convivência, de consciência, de justiça. Envolve vidas humanas. Onde há vida humana em jogo, impõem-se necessariamente um problema ético. O homem, enquanto ser ético, enxerga o seu semelhante, não lhe é indiferente. O apelo que o outro me lança é de ser tratado como gente e não como coisa ou bicho. Neste sentido, a Ética vem denunciar toda realidade onde o ser humano é *coisificado* e animalizado, ou seja, onde o ser humano concreto é desrespeitado na sua condição humana.

4. O ERRADO E O CERTO - O MAL E O BEM

Para finalizar, resta a questão da *ética situacional*, a dimensão provisória e fugaz da ética. O que é certo e errado, ou bem e mal, nem sempre nos é dado de forma simples ou definitiva. Muitas vezes a decisão que tomamos em determinado contexto não serve para outros contextos ou outras pessoas.

Em vários momentos ao longo da vida precisamos decidir entre o certo e o errado. Já na infância aprendemos de nossos pais e nossas mães o que pode e o que não pode. Não raro surgem conflitos em torno dessas classificações, porque nem sempre o que é certo para um é também para as outras pessoas.

Problema maior surge quando caímos na tentação de dividir as pessoas entre certas e erradas. Diz-se por aí que aquela pessoa é *do bem*, e aquela outra é *do mal*. Ouvimos até que as guerras são travadas entre países *do bem* e países *do mal*. Novelas e filmes nos ensinam a identificar nitidamente mocinhos e bandidos.

No entanto, todo mundo sabe que as coisas não são tão simples... No dia-a-dia experimentamos o mal e o bem misturados em tudo e em todas as pessoas; o certo e o errado nem sempre são dados de antemão, mas muitas vezes se decidem em cada questão. Se pensarmos com sinceridade, vemos logo que *separar o joio do trigo* não é tão simples, e que tudo na vida, cada família, cada governo, cada idéia, cada atividade e cada qual de nós está sob a dinâmica do bem e do mal simultâneos.

Também o conhecimento está sob a dinâmica ambígua do certo e do errado. Pesquisas e ensinamentos podem ser usados tanto para fazer bem quanto para fazer mal. Pensemos no avião: Santos Dumont certamente jamais desejou que seu genial invento fosse usado para bombardear escolas e matar crianças durante as guerras.

Justamente para isso existe a dimensão ética da vida e do conhecimento; trata-se de submeter as coisas, as pessoas e as idéias ao juízo crítico e aos princípios de justiça e bem estar das pessoas e do mundo. Bem e mal, certo e errado, não são essências eternas. Não há pessoas *do bem* e pessoas *do mal*, nem coisas essencialmente boas ou ruins.

O pacifista Peter Ediger, no livro *Da violência à integridade* (Editora Sinodal) prefere falar em *pessoas que estão bem* ou *que estão mal*. Ele se inspira nas *Bem-aventuranças* de Jesus, o *Sermão do Monte* em Mateus 5, na Bíblia. Segundo Ediger, *Bem-aventurado* pode ser traduzido por *estar bem* ou *ser bom*. Segundo ele, é o mundo enquanto projeto de vida ou projeto social que pode estar errado ou estar certo. Para o pacifista, o *Sermão do Monte* é um bom catálogo ético para orientar nossa vida, também a forma como lidamos com o conhecimento. Leia abaixo o "Sermão do Monte" e depois analise a instigante comparação feita por Ediger entre as Bem-aventuranças de Jesus e o bem-estar que comumente nos propõe as regras sociais dominantes. As atitudes esperadas de nós numa sociedade de dominação vão na contra-mão do princípio de justiça e bem estar que nos propõe a ética do *Sermão do Monte*.

AS BEM-AVENTURANÇAS - Mateus 5.1-12

1 Jesus, pois, vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo se assentado, aproximaram-se os seus discípulos,

2 e ele se pôs a ensiná-los, dizendo:

3 Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

4 Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

5 Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.

6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.

7 Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

8 Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.

9 Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.

10 Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

11 Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa.

12 Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram aos profetas que foram antes de vós.

O CERTO E O ERRADO – O BEM E O MAL			
De acordo com as atitudes de uma sociedade de dominação...		De acordo com as bem-aventuranças de Jesus em Mateus 5.1-12...	
Estão bem as pessoas...		Estão bem as pessoas...	
v. 3	... que têm respostas para tudo	v. 3	... que conhecem suas necessidades espirituais
v. 4	... que podem se isolar de todo sofrimento	v. 4	... que podem sentir as dores em si próprias e no seu mundo
v. 5	... que podem obter controle e poder sobre os outros	v. 5	... que exercem a não-violência e que vêem a verdade e a compaixão como poderes
v. 6	... que têm fome e sede pelo acúmulo de bens	v. 6	... que têm fome e sede por justiça
v. 7	... que tratam asperamente quem os ofende	v. 7	... que estendem a misericórdia a todas as pessoas
v. 8	... que tentam agradar todo mundo	v. 8	... que falam e vivem honestamente
v. 9	... que ganham a guerra	v. 9	... que fazem as pazes
v. 10	... que vivem no conforto e evitam toda controvérsia	v. 10	... que são perseguidas porque buscam justiça

Você quer estudar mais?

PLANO PEDAGÓGICO: Faça uma visita ao endereço

<http://www.metodistademinas.edu.br/novo/documentos.php> e conheça o Plano Pedagógico da Escola na qual você estuda.

ÉTICA EM PESQUISA: Faça uma visita ao endereço <http://www.metodistademinas.edu.br/novo/pesquisa.php> e conheça o trabalho do Comitê de Ética em Pesquisas da Instituição.

BIBLIOGRAFIA usada nesta aula:

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência*: introdução ao jogo e suas regras. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*: ética do humano – compaixão pela terra. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BUTIGAN, Ken, BRUNO, Patrícia. *Da violência à integridade*: um programa sobre a espiritualidade e a prática da não-violência ativa. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista*: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Olho D'água, 1997.

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Se você quiser ler ou adquirir um livro sobre a temática da aula, uma boa pedida é o livro de Otto Maduro, *Mapas para a festa*.

Para continuar a pesquisa na Internet, confira

www.dhnet.org.br/direitos/codetica/textos/oque_e_etica.html

Quer ver um bom documentário sobre conhecimento comum?

Assista "O fim e o princípio", de Eduardo Coutinho – disponível nas locadoras. São entrevistas sobre a experiência de vida de pessoas comuns do campo